



ACONTECE SAÚDE



A luta em prol da camada de ozônio

Em 16 de setembro comemora-se o Dia Internacional para a Preservação da Camada de Ozônio visando conscientizar a população e os governantes

A proteção do meio ambiente nunca sai de pauta. Os cuidados com o Planeta Terra são uma luta constante, assim como com a Camada de Ozônio. Responsável pela proteção contra os raios ultravioletas, essa película protetora nunca esteve tão fina e gritando por atenção.

Com esse cenário, foi criado o Dia Internacional para a Preservação da Camada de Ozônio, uma campanha para conscientizar e disseminar a adoção de medidas visando evitar que esse bem seja cada vez mais destruído.

Comemorada em 16 de setembro, a data foi instituída em celebração à assinatura do Protocolo de Montreal, em 1987, no qual países se comprometeram a diminuir a produção dos CFC's (clorofluorcarbonetos), e outras substâncias responsáveis por danificarem a camada.

A carência dessa película acarreta diversos danos à humanidade. Ela é fundamental para a manutenção da vida no planeta e a proteção contra os raios ultravioletas. Caso exista a incidência direta, eles podem penetrar na superfície cutânea e causar queimaduras sérias, além do câncer de pele. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), a cada 1% de diminuição da camada, são registrados 50 mil novos casos da doença.

A professora de Dermatologia da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) e titular na Academia de Medicina de São Paulo, Leontina da Conceição Margarido, explica que a diminuição da concentração de Ozônio (O3) pode provocar, além do câncer cutâneo, diversos outros impactos. “No ser humano pode ocorrer: o envelhecimento precoce, pois as fibras elásticas e colágenas da pele se degeneram, mutações genéticas e problemas no sistema imunológico, favorecendo outras doenças como, por exemplo, o herpes”.

Os principais e mais frequentes tipos de câncer cutâneo desencadeados pela luz solar são: o Carcinoma Basocelular (CBC) que ocorre, na maioria das vezes, nas áreas descobertas do corpo; o Carcinoma Espinocelular (CEC), evolução de uma queratose solar (actínica) não tratada; e, o Melanoma Maligno, originado nas células produtoras de melanina e mais frequente nas pessoas brancas.

“Pessoas de pele e olhos claros são mais susceptíveis ao câncer de pele e indivíduos mais velhos têm mais propensão a apresentar carcinomas, de certo, pelo efeito cumulativo do sol”, comentou.

A dermatologista também salientou que o aparecimento de área com espessamento na pele, crescimento, erosão, sangramento, falta de cicatrização; ou ainda, lesões com cor e-ou bordas irregulares, com os sinais de modificações, pode ser sinal de câncer de pele; e, deve ser avaliada por um especialista.

A melanina, pigmento natural da pele, presente em maior quantidade nos negros, bloqueia e protege dos raios ultravioletas, evitando que eles atinjam o DNA do núcleo da célula. Porém, segundo Leontina, a pele negra também tem riscos de apresentar câncer. “A pessoa com mais melanina está suscetível a todos os tipos de câncer existentes e tem maior tendência a desenvolver o melanoma acral, que se manifesta nas palmas das mãos e plantas dos pés, de forma agressiva e com crescimento rápido”.

Em conjunto com os cuidados à Camada de Ozônio, é fundamental a cautela com a própria pele. Com o aumento da incidência dos raios ultravioletas, a proteção é indispensável para evitar consequências graves. De acordo com a dermatologista, o ideal é abusar do protetor solar, evitar a exposição ao Sol, principalmente no período entre 10 e 16 horas. Além disso, usufruir de óculos, chapéus e guarda-sóis, que também são importantes instrumentos de proteção.

APOIO

APM



ASSOCIAÇÃO PAULISTA
DE MEDICINA

COLUNA SAÚDE ACONTECE

Perguntas e sugestões podem ser enviadas para acontece@acontecenoticias.com.br ou para a Avenida Pompeia, 634, conj. 401 - São Paulo, SP - CEP 05022-000